

## COMENTÁRIO SOBRE “O CONCEITO DE SENTIMENTO NO MONISMO DE TRIPLO ASPECTO” DE ALFREDO PEREIRA JR.

Cláudia Passos-Ferreira<sup>1</sup>

Embora muito esforço já tenha sido dispendido na tentativa de resolver o problema da consciência, a consciência ainda é um aspecto enigmático da nossa vida mental. Nesse sentido, qualquer tentativa de compreender a consciência é valiosa. A principal contribuição de Pereira nesse artigo é propor uma solução monista ao problema mente-corpo, que possa, ao mesmo tempo, explicar a consciência, e garantir um papel central aos estados afetivos na caracterização da consciência.

Dois projetos são relevantes para qualquer teoria que almeje explicar a consciência. Primeiro, a teoria proposta deve explicar qual é o lugar da consciência na natureza; ou seja, deve oferecer uma explicação sobre como a consciência emerge a partir do mundo físico. Segundo, a teoria deve descrever o que é a consciência, e deve propor um modelo sobre os atributos relevantes da consciência. O artigo de Pereira é uma tentativa de elaborar suas próprias ideias sobre esses dois projetos da consciência. Abordarei ambos os projetos.

*Problema 1.* Em relação ao tópico do problema mente-corpo, Pereira desenvolve sua própria versão de uma teoria monista não reducionista: o Monismo de Triplo Aspecto (MTA). Segundo Pereira, o monismo que ele defende evita os problemas de uma visão reducionista; permite acomodar os estados mentais da experiência em primeira pessoa; e é compatível com os recentes dados empíricos das neurociências. Segundo Pereira, a natureza (ou a totalidade da realidade) é composta de três aspectos: energia (matéria), informação (forma) e consciência (sentimentos), e cada um desses aspectos é irreduzível ao outro. Essa estrutura tripla está presente também em nosso cérebro: processos físico-químicos; processos informacionais; e processos conscientes (processos afetivos). Caracterizados aproximadamente na ontologia de Pereira, os processos cerebrais são processos físico-químicos que, eventualmente, são transformados em processos informacionais (com uma configuração semântica e formal), e, em contextos específicos, os

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: cpassosferreira@gmail.com

processos conscientes emergem desses processos informacionais. Isso significa que os processos informacionais específicos ocorrem na presença de experiências fenomenais – o que Pereira chama de ‘sentimentos’. De acordo com Pereira, a informação é um processo cognitivo que se inicia como um processo físico-químico, e, é transformado num sistema de sinais com uma configuração sintática e semântica.

A principal motivação de Pereira para propor o monismo de triplo aspecto é a compatibilidade deste com um lugar para a consciência na natureza, e com os recentes achados científicos que corroboram o papel das emoções e dos sentimentos no cérebro e nos processos conscientes. No entanto, Pereira não esclarece em que sentido sua teoria poderia explicar as correlações entre experiências conscientes e processos físicos (cerebrais) de um modo melhor que outras já conhecidas posições em filosofia da mente, em particular as posições que defendem o dualismo de propriedades ou a teoria de duplo aspecto. As teorias de duplo aspecto – como o monismo neutro defendido por Nagel (1986) ou o dualismo naturalista de Chalmers (1996) – são comprometidas com a visão de que existem certas entidades neutras que podem se apresentar sob o aspecto do mental ou sob o aspecto do físico. Nessa visão, os dois aspectos – propriedades mentais e propriedades físicas – são fundamentais e não redutíveis um ao outro.

É claro que mesmo o dualismo de aspectos é controverso porque está em conflito com o princípio lógico da navalha de Ockham; segundo o qual, as entidades não devem ser multiplicadas além da necessidade. Em filosofia, acreditamos que, outras coisas mantidas iguais, uma teoria ontologicamente mais parcimoniosa é melhor. Mas os dualistas, ao menos, apresentam argumentos de que somente dois aspectos são necessários.

Nesse sentido, a teoria de triplo aspecto de Pereira corre o risco de promover uma violação ainda maior da navalha de Ockham. Uma teoria de triplo de aspecto multiplica ainda mais as propriedades fundamentais do que as teorias de duplo aspecto. Mais importante ainda, não está claro que Pereira tenha mostrado que todos os três aspectos propostos sejam necessários. Aparentemente, uma teoria de duplo aspecto pode explicar o fenômeno em questão. Uma vez que temos o físico e o mental, não parece claro porque precisaríamos postular um terceiro aspecto fundamental que corresponderia à informação. Chalmers (1996), por exemplo, também oferece um papel central à informação, mas ele não postula um terceiro aspecto fundamental em sua ontologia. Segundo Chalmers, estados

informativos são estados abstratos que podem ser realizados fisicamente ou fenomenalmente. A realização física é o modo mais comum da informação encontrada no mundo, mas também podemos encontrar a informação realizada por estados experienciais. Na perspectiva de Chalmers (1996, p. 267, tradução nossa), a informação é o link que conecta processos físicos a processos conscientes, como ele afirma: “sempre que encontramos um espaço informacional realizado fenomenalmente, encontramos o mesmo espaço informacional realizado fisicamente”. A teoria de Chalmers postula dois aspectos fundamentais, um para o físico e outro para a consciência, sem exigir um terceiro aspecto.

Pereira não esclarece porque seria necessário introduzir a informação como uma terceira entidade fundamental. Na ausência de razões convincentes, esse terceiro aspecto parece não exercer papel explicativo. A informação pode ser importante para a teoria da consciência, mas seu papel parece ser o de conectar dois aspectos fundamentais: a consciência e o físico.

*Problema 2.* Em relação ao tópico das propriedades da consciência, Pereira propõe uma teoria afetiva baseada na definição de consciência proposta por Nagel (1984), formulada em termos da expressão ‘what-it-is-like’<sup>2</sup>. Pereira oferece uma definição naturalista da expressão ‘what-it-is-like’ em termos de ‘sentir’ ou ‘sentimentos’. Ele afirma que aquilo que caracteriza a consciência são processos afetivos que podem ser capturados pelas palavras ‘sentir’ ou ‘sentimentos’; em suas palavras: ‘o sentir é a marca da consciência’. Pereira sugere que as expressões ‘what-it-is-like’ – no sentido proposto por Nagel (1974) – estão intrinsecamente relacionadas a natureza da consciência e devem ser associadas com a noção de ‘sentimentos’. Contrário à tradição racionalista, Pereira considera os ‘sentimentos’ como um aspecto subjetivo crucial da consciência.

A noção de consciência (ou de estados conscientes), como muitos filósofos atualmente concebem, cobre uma variedade de fenômenos mentais e pode ser conceitualizada de modos distintos, que variam desde ‘estados qualitativos (qualia), ‘estados fenomenais’, ‘estados what-it-is-like’, até a ‘consciência de acesso’, introspecção’ e ‘consciência narrativa’. A teoria afetiva defendida por Pereira é uma tentativa de definir a consciência de um modo mais restrito, em termos dos ‘estados ‘what-it-is-like’.

---

<sup>2</sup> Como a tradução para o português (ver nota 2) dessa expressão é problemática, optei por manter a expressão no original.)

Eu gostaria de levantar algumas questões em relação a teoria afetiva de Pereira. A primeira questão é em relação ao uso terminológico que Pereira faz das expressões ‘what-it-is-like’, e seu conceito abrangente de sentimento. A segunda é relação à naturalização que Pereira propõe das expressões ‘what-it-is-like’ em termos de ‘sentimentos’ como uma teoria passível de explicar toda e qualquer experiência consciente.

Recentemente, alguns filósofos têm defendido (contrário ao que Pereira afirma) que ‘what-it-is-like’ não é uma expressão técnica em filosofia da mente (SNOWDON, 2010; STOLJAR, 2015; FARRELL, 2015). O discurso do ‘what-it-is-like’ faz parte do discurso ordinário de língua inglesa. Algumas vezes, esse discurso aparece em contextos em que o seu uso não está associado com o discurso sobre a consciência (SNOWDON, 2010). Porém, o discurso do ‘what-it-is-like’ é rotineiramente usado pelos falantes de língua inglesa para expressar proposições sobre experiências, e sobre as experiências dos sujeitos psicológicos<sup>3</sup>

Em filosofia da mente, o discurso do ‘what-it-is-like’ tem sido usado para definir a consciência. Há uma tendência em caracterizar os estados conscientes como estados de ‘what-it-is-like’. Embora o termo tivesse sido inicialmente usado para associar experiência e consciência, Nagel (1974) foi o primeiro a definir a consciência nos termos da expressão ‘what-it-is-like’ e, desde então, sua definição tem sido bastante influente na filosofia da mente. Nas palavras de Nagel (1974, p. 519): “um organismo tem estados conscientes se e somente se existe algo que é como ser esse organismo – algum coisa que é como ser para esse organismo”.

Inspirado pela teoria afetiva da consciência de Damásio (2000), Pereira identifica as expressões ‘what-it-is-like’ com ‘sentimentos’. Como ele mesmo admite, essa associação pode ser problemática. ‘Sentimento’ é um termo vago, e no uso ordinário, o termo se refere a um subconjunto de experiências conscientes. Tipicamente, o termo é usado para se referir a sensações corporais (quente, frio, fome, sonolência), sensações tácteis, emoções e estados hedônicos (prazer e dor). Pereira adota um sentido mais abrangente de ‘sentimento’; e distingue cinco tipos de sentimentos, incluindo sensações, estados hedônicos, percepções,

---

<sup>3</sup> A expressão é ‘what-it-is-like’ particularmente dominante em inglês, contudo, sua tradução para o português – como Pereira chama atenção – e mesmo para outras línguas, não é tão simples. A tradução para o português é problemática. Usualmente, traduzimos as frases ‘what-it-is-like’ em outras expressões como, por exemplo,

emoções, certos tipos de pensamentos (crenças) e sentimentos existências. O sentido abrangente está muito longe do significado ordinário do termo, levantando questões sobre o quanto útil pode ser apelar para a noção de ‘sentimento’ na caracterização da consciência.

Recentemente, Stoljar (2015) apresentou uma visão similar. Stoljar defende uma teoria afetiva naturalista, segundo a qual as sentenças com expressões ‘what-it-is-like’ expressam relações afetivas entre indivíduos e eventos. Em certos contextos (em particular aqueles em que a consciência está envolvida), essas relações afetivas são relações experienciais, definidas em termos de ‘sentimentos’ (*feelings*). Como afirma Stoljar (2015, *no prelo*), “uma relação experiencial ocorre entre um indivíduo e um evento somente no caso em que o indivíduo *se sente* de um certo modo em virtude do evento”. Assim como Pereira, Stoljar adota uma noção abrangente de ‘sentimento’, mas sua teoria conta com uma estrutura adicional. Na visão de Stoljar (2015, *no prelo*): “estar num estado consciente é uma propriedade complexa que consiste numa relação entre um estado e um sujeito, a qual implica que o sujeito se sinta de um certo modo em virtude de estar nesse estado”. Nesse sentido, a perspectiva de Stoljar parece oferecer um elemento relacional que não está presente na perspectiva de Pereira: uma relação entre um estado consciente e o sujeito desse estado.

Qualquer teoria afetiva da consciência deve fazer frente ao problema de acomodar vários tipos de experiências da consciência que não se assemelham a ‘sentimentos’, no sentido ordinário do termo. Muitos filósofos, por exemplo, aceitam que existe uma fenomenologia cognitiva: experiências fenomenais associadas a pensamentos conscientes. Essas experiências não parecem envolver sentimentos no sentido ordinário do termo. No entanto, a definição proposta por Pereira explicitamente inclui certos tipos de pensamentos (como o sentimento de acreditar). Pereira considera essas experiências como sentimentos no sentido amplo do termo. Mas existem experiências associadas a outros estados conscientes, como a introspecção, os sonhos vividos, a imaginação, a fenomenologia do agir e a fenomenologia moral (KRIEGEL, 2015), que não parecem estar associadas a ‘sentimentos’, no sentido usual do termo. Diferentemente da fenomenologia cognitiva, estas experiências não se adequam naturalmente em qualquer das cinco categorias

---

‘como é ser’ ou ‘como é se sentir’. Essas expressões em português estão intimamente relacionadas a frases em que figuram o adverbio interrogativo ‘como’ (‘how’) em inglês, tal como ‘como se sente’ (‘how does it feel’).

sugeridas por Pereira; elas permanecem, portanto, não explicadas pela teoria de Pereira.

Alguns outros aspectos também permanecem não esclarecidos na teoria de Pereira. Não está claro como uma teoria afetiva pode ser combinada com o Monismo de Triplo Aspecto (MTA). Pereira afirma que estar consciente é ‘sentir o significado da informação’, e que ‘os conteúdos da informação são conscientes quando são sentidos’. Mas o que é ‘o significado da informação’? Seria uma representação mental? Também não está claro o que significa ‘sentir o significado’. Significaria que um estado informacional é consciente quando um sentimento é associado a ele? Seria a informação um processo consciente quando ela tem um significado particular associado a ela em contextos específicos? Estas ideias ainda carecem de esclarecimentos futuros.

## Referências

- CHALMERS, D. J. *The Conscious Mind. In Search of a Fundamental Theory*, New York: Oxford University Press, 1996.
- DAMÁSIO, A. *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. New York: Harcourt., 2000.
- FARRELL, J. *What it is like’ talk is not technical talk*, 2015. Disponível em: <<http://mindsonline.philosophyofbrains.com/2015/session2/what-it-is-like-talk-is-not-technical-talk/>>. Acesso em 10 ago. 2015.
- KRIEGLER, U. *The Varieties of Consciousness*, New York: Oxford University Press, 2015.
- NAGEL, T. “What Is It Like to Be a Bat?”, *Philosophical Review*, LXXXIII, 1974.
- \_\_\_\_\_. *The View from Nowhere*, Oxford: Oxford University Press, 1986.
- PEREIRA JR., A. Triple-Aspect Monism: A Conceptual Framework for the Science of Human Consciousness. In: PEREIRA JR. A.; LEHMANN, D. (Eds.), *The Unity of Mind, Brain and World: Current Perspectives on a Science of Consciousness*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 299-337, 2013.
- \_\_\_\_\_. O Conceito de Sentimento no Monismo de Triplo Aspecto. *Kínesis*, Edição Especial – Debate, v. 7, n. 15, p. 1-24, 2015.
- SNOWDON, P. ‘The What-it-is-Like-ness of Experience’. *Southern Journal of Philosophy*, v. 48, n. 1, p. 8-27, 2010.
- STOLJAR, D. ‘The Semantics of ‘What it’s like’ and the Nature of Consciousness’, 2015. (*no prelo in Mind*).
- VAN GULICK, R. 2014, “Consciousness”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* Edward N. Zalta (ed.), 2014. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/consciousness/>>. Acesso em 1 ago. 2015.